



PROJETO PERFORMANCE

entrevista

OTAVIO DONASCI

por Marcelo Asth

Otávio Donasci foi o primeiro performer que conheci. Foi em uma aula de artes do grupo teatral Nós do Morro, no Vidigal – RJ, que, através de vídeos exibidos pelo professor Pedro Sánchez, nos anos de 2008 e 2009, fui apresentado a arte da ação. Nessas aulas que ouvi pela primeira vez o termo “performance”, que agora segue como meu guia nas pesquisas que venho realizando desde 2013, junto aos temas do envelhecimento. Vi nesses vídeos, em sala escura e com o projetor lançando imagens delirantes na tela, um homem sobre um cavalo, metamorfoseado com longo pescoço, em meio ao trânsito no centro de São Paulo. No topo da estrutura no pescoço, uma tela com o vídeo aceso. Televisores, aparelhos de som, fiações, monitores diversos, tecidos pretos, estruturas básicas planejadas para a criação de suas vídeocriaturas. Algo suspende o cotidiano, tanto em São Paulo quanto na aula de artes.

Busquei contato com Otávio para realizar esta entrevista, que foi concedida logo após a apresentação de uma vídeocriatura de Otávio Donasci na abertura da exposição coletiva *[Retroperformance]*¹, realizada na Caixa Cultural do Rio de Janeiro, no dia 5 de agosto de 2017, quando conversamos sobre sua trajetória e relação com a performance e com o vídeo.

Donasci criou diversos nascimentos de vídeocriaturas que foram revolucionando a própria linguagem criada por ele. A partir da ideia de um vídeoteatro como ferramenta para incorporar personagens e textos, Otávio Donasci foi experimentando aparelhos, sons, formatos e criaturas variadas e multiformes. Arte e entretenimento, suas ações foram a palcos, a programas de televisão e também apareceram em comercial da loja de roupas C&A. Suas criações já foram nomeadas por ele como “vídeocaveira”, “capacete interativo”, “plasmas-criaturas” e “vídeobalão”, entre outros nomes criativos.

Este artista multimídia também abordou o tema do renascimento em sua obra, criando casulos para pessoas meditarem. Com 66 anos, o artista se reinventa e traz como bagagem uma história pioneira de criações digitais, performativas e teatrais na sua experiência artística. É doutor em Comunicação e Semiótica e professor de Performance na PUC de São Paulo. Otávio Donasci pesquisa a linguagem e também realiza experiências com seus alunos. Realizou performances que lidam com a realidade virtual e também com seus alunos realizando performances corais, como em *Casulos*.

Otávio Donasci é artista multimídia, performer, professor, cenógrafo, desenhista, diretor de arte e criação. A entrevista com Otávio Donasci foi realizada no dia 5 de agosto de 2017 na abertura da exposição coletiva *[Retroperformance]*, na Caixa Cultural, no Rio de Janeiro.

¹ A mostra reuniu arquivos raros e inéditos, dos artistas: Lenora de Barros, Aimberê Cesar, Renato Cohen, Otávio Donasci, Guto Lacaz, das duplas Alex Hamburger e Márcia X, Lucila Meirelles e José Roberto Aguilar, Dupla Especializada (Ricardo Basbaum e Alexandre Dacosta) e do coletivo 3NÓS3 (Mário Ramiro, Rafael França e Hudnilson Jr). Com curadoria do Grupo Brasil Performance, de Grasielle Sousa, Lucio Agra, Joanna Barros e Samira Br.

Marcelo Asth – Do Nascimento. Você já fez nascer muitas coisas em sua vida. Inclusive Casulos. Como você vê hoje Otavio Donasci?

Otavio Donasci – Eu raciocino assim... a ideia de nascimento eu desenvolvi só a partir dos *Casulos* que eu fiz a partir de 2003. Que eu comecei a fazer *Casulos do Renascimento*. Brincando com o Do Nascimento. Porque aos 60 anos eu decidi renascer, fazer um renascimento. E eu decidi oferecer pra todo mundo. Eu não fiz pra mim, eu ofereci para outras pessoas. Ofereci casulos em que nunca me encasulei. Eu encasulava as pessoas e falava: "nasçam de novo! Renasçam!". Aí vem *Renascimento*, que é o contrário de Do Nascimento. E isso é de 2003 pra cá. Há um tempo atrás "Donasci" era uma brincadeira. O Da Costa tá aí?, ele é desse grupo... eu ficava pensando no Da Costa, que assinava "Da Costa", então eu pensei: "vou assinar 'Donasci'". De gozação, eu era humorista... Faço humor até hoje!

Marcelo Asth – Seu filho também é humorista.

Otavio Donasci – Tenho um filho humorista. Humorista, não gosto dessa palavra... é um jogador de improviso!

Marcelo Asth – E se você fosse olhar o Otavio Donasci hoje você veria uma lagarta, um casulo ou uma borboleta?

Otavio Donasci – Eu ainda estou no processo. A impressão que eu tenho agora, em julho, é que fecha um ciclo. Não sei o que vai acontecer. E ainda imagino que esteja num processo, no fim de um processo, o meu, o da PUC, do Brasil, o da arte, tá no fim de um ciclo que não será mais igual a partir de, sei lá, agosto, final do ano... eu diria, por exemplo, que eu estou, como João Batista batizando as pessoas, eu estou fazendo *Casulos* desde 2000. Como que preparando as pessoas pra acabar com o ciclo delas. Morra e nasça de novo! O conceito de casulo é bem esse: faça uma lagarta, pegue a lagarta feia que você tá e transforme em uma borboleta. Essa é uma proposta do casulo. Aí se você me perguntar: "ué, porque é que você não faz?". Eu perdi o sentido de fazer pra mim, de eu fazer. Agora o sentido é dar oportunidade, compartilhar. Primeiro compartilhar, depois dar a oportunidade e a terceira coisa é instrumentalizar. É deixar a pessoa inventar no meu lugar. Eu dou o *software*.

As vídeocriaturas eu criei como se fosse...você vai lá ver os textos (*se referindo aos documentos da exposição na Caixa Cultural – RJ*), era uma ferramenta do teatro. Olha que beleza! Você vai poder fazer isso, fazer aquilo... essa minha fita original, essa experiência que você viu, é um catálogo de possibilidades, textos de Shakespeare... olha o que dá pra fazer! E não é assim: "o que você quis dizer com isso?". "Nossa, você é um cara engajado, você tá... na minha época estava todo mundo militar, agora tá pior. Tá mesmo. Eu peguei textos fortes do Shakespeare, *Dois Caras*, e redirei, "trans-criei", reinventei os textos do original. Sentei com o ator e disse: "faz o que você quer", "agora tenta desse jeito!". Tudo modo de fazer. Aí comecei a explorar esses moldes em vídeo, a explorar esses moldes em áudio, explorar esses moldes em cena de vídeocriatura, fui usando como a base de tudo. Então, performance... não era performance. Era isso. Videoteatro. Eu comecei como desenhista, fui desenhista de desenhar as pessoas, desde criança, depois cartunista de fazer humor e publicar em jornal, revista, depois ilustrador, ilustrando trabalhos para clientes, de dinheiro. Depois virei diretor de arte, diretor de criação. É uma sequência de arte, de artista plástico. Entre na faculdade de Artes Plásticas, quase me formei. Fui fazer licenciatura. Tentando ir para um lugar para sobreviver como artista. Não deu, fui ser diretor de arte e propaganda. Mas era arte também, entre aspas. Aí depois, o último estágio em que estou, é dando aula de performance. Eu acho

² Otavio se refere ao artista Alexandre Dacosta, também contemplado na exposição.

que esse ciclo pode estar se fechando ou é até uma lagarta virando borboleta. Ou encerrou o ciclo: fui comido pela cobra. (*risos*) Que a coisa mais improvável do mundo é um casulinho pendurado numa árvore. Qualquer bicho vai lá e... eu fazia *Casulos* no meio da rua, como na *Virada Cultural*. As pessoas iam lá e passavam a mão na bunda, davam tapa, e a pessoa estava ali numa fragilidade! E eu ficava bravo com isso! Eu enrolei um jornal e tive que dar uma porrada nas pessoas que faziam isso. Porque a sociedade é feita disso. Como na natureza: o mais forte como o mais fraco. Na sociedade é a mesma coisa. É cruel. Mas tá, todo trabalho que faço é pra eu aprender... eu faço o trabalho e aprendo com ele. Ele é a minha aula. Eu faço isso com meus alunos também, eu faço eles fazerem as coisas e aprenderem com as coisas que fazem. Porque o outro? Você nunca pode ter certeza. Será que te ensinaram assim, que você tem que fazer assim? Aí vem a parte didática, aí fica complicado. Depois de 10 anos pra cá, eu estou estudando didática. Existe uma coisa que... há 10 anos eu estou desenvolvendo um trabalho que é a Didática Performática, o Professor Performer. Essa série faz com que você tenha um passo a mais além da performance e da meta-arte. Eu diria que agora eu estou pós-casulo. O *Casulos* ainda é meta-arte. Agora o que eu tô fazendo eu não sei pra onde vai. Vai chegar ao ponto de esvaziamento total. Eu vou só fomentar. Ser alimento. As pessoas comem e fazem o que quiserem.

Marcelo Asth – Você disse que está nesse momento de mais proporcionar a experiência para outras pessoas. A palavra “tecnologia” tem sua origem no grego antigo e vem de “*TECHNE*”, que significa técnica, junto a “*LOGOS*”, que pode ser interpretado como argumento, razão ou discussão. Ou seja, tecnologia é todo o conjunto de conhecimentos, razões em torno de algo e/ou maneiras de alterar o mundo de forma prática. Como o termo “*logia*” também pode ser entendido como “ciência”, a palavra também significa o estudo do ato de transformar, de modificar. Como você acha que suas obras transformam o mundo de seus espectadores ou participantes dessas experiências?

Otavio Donasci – Eu sempre criei ferramentas. Se você for pensar a *techne* como ferramenta é um tipo de tecnologia. Tecnologia de alicate. Tecnologia de chave de fenda. Ela serve pra quê? Pra muita coisa, até pra abrir lata! E de repente a *videocriatura* é resultado de uma técnica: o aparelho, este, gerou uma técnica que veio do teatro, que também é uma linguagem. Então são três estágios: o aparelho desenvolve a técnica, a técnica desenvolve a linguagem e a linguagem faz com que você tenha uma linha de trabalho, uma nova linguagem. Eu quero dizer que é uma nova linguagem, mas aí você vai ver com os linguistas e eles falam: “Não sei, Otavio... o Foucault falou que é? O Deleuze acha que é?”. Então por isso que eu fui pra academia, virei doutor. Eu descobri que você tem que inventar. A reinvenção é sua. Eu que vou inventar uma linguagem. Eu vou escrever um livro, esse livro vai ser publicado e aí todo mundo vai estudar na escola.

Marcelo Asth – E como você observa essas inovações modificando ou transformando de alguma forma o cenário das artes?

Otavio Donasci – Eu acho que o caminho não vai ser o tecnológico, o que eles chamam de tecnológico: usar equipamentos. Eu acho que o caminho vai ser pessoal mesmo, uma relação pessoa a pessoa, uma semiótica do corpo – eu defendo essa. Que ela é contrária de uma linguagem tecnológica, que é, por exemplo, os computadores, as máquinas de responder... essa linguagem, ela é fria, não é humana. E o fato de não ser humano, de ser criado por humanos como algo pequeno, algo menor, só que espalhado pra todo mundo, faz com que muita gente fique pequena. Uma resposta que seja sim ou não, hoje... ligam e dizem: “boa tarde, eu sou uma gravação da Vivo, você é Otavio?”, se eu falar: “ah, eu acho que sou...”, ela

vai retornar: “desculpe, responda ‘sim’ ou ‘não’.”. “Ah... Sim”. “Gostamos muito de você, achamos você muito bacana, porque você não fez aquilo ou aquele assim...”. “Ah, porque eu não tava interessa...”. “Desculpe: responda ‘sim’ ou ‘não’.”. (*risos*) As relações com máquina vão ser muito fortes e eu sou contra. Isso tudo o que estou trabalhando aqui (*se referindo ao material da exposição*) no caminho eu tô fazendo o oposto.

Marcelo Asth – No livro *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley, existiam os *feelies*, que eram filmes produzidos para diminuir a percepção e despertar uma falsa euforia nos cidadãos, controlados pelo prazer, e eram acessados em poltronas com manipulação de botões. Hoje temos a televisão e o cinema cada vez mais evoluindo através do uso da tecnologia, mas ainda como experiências solitárias de prazer às quais as pessoas se entregam. Em todas as suas performances com uso da tecnologia, você, enquanto artista, dá as mãos ao espectador e o conduz em uma experiência nova, que é, de certa forma, uma expansão de consciência - seja em uma ação se utilizando da realidade virtual, do espaço cibernético, da sinestesia, ou pela telepresença, pelo choque e suspensão do cotidiano em ações realizadas em locais públicos, pela obra tecnológica inserida nos espaços museológicos, ou na irreverência de uma obra sua que chega a comerciais e programas televisivos. Como você acha que a sua própria obra conduz e dá a mão para novos lugares de experimentação e expansão de consciência?

Otavio Donasci – O analógico *versus* o digital. O analógico ainda é uma imagem que é o último resquício que o vídeo trouxe na minha geração. Era vídeo. Não é a computação. A computação é digital. O digital, hoje, eu caí fora. No digital você não tem mais uma pessoa, você tem um programador, e o resto é trabalho em função de computação. O analógico só registra, quem a fotografia. O vídeo começa ser a linguagem eletrônica. A fotografia, sua linguagem é química. Então ainda é analógico, vivo, vamos dizer assim. Aí quando vai pro digital, acabou. Não tem mais uma pessoa. Então, em uma vídeocriatura, sempre é um vídeo querendo ser pessoa. É o Pinóquio. Um bicho de pano, de pau, que quer ser gente. E a vídeocriatura quer ser gente. Com mais vontade. Quer ser gente transumana. Mas o transumanismo foi uma tendência que foi para o aperfeiçoamento, até meio nazista, de querer que a pessoa seja perfeita. E o que é perfeito? Na verdade, mesmo, não existe erro no processo. Não tem erro. Erro é apenas um medo de você atualizar as coisas de um jeito. Você monta com um objetivo e não chega, então vai fazer de outro modo pra chegar no seu objetivo. Mas daí você esquece que esse objetivo que você chegou sem querer pode até ser melhor do que o que você queria.

Marcelo Asth – Você acha que as suas vídeocriaturas conseguem de alguma forma se transformar em “meninos de verdade”, como na história de *Pinóquio*?

Otavio Donasci – De verdade, começou assim: “Eu quero que você seja um ator. Não quero que seja uma criatura, um extraterrestre. Eu quero que seja gente”. E o teatro é um dos lugares que transforma ideias e personagens em pessoas, é no palco. O teatro não me aceitou, e não me aceitou porque quer ficar pra trás. Preservado não tem, na natureza tudo se modifica. Então, de repente, a ideia da criatura que quer ser gente, do jeito novo! Uma gente melhor, mais gente, mais artista! E com isso usar o corpo de uma pessoa pra aumentar o poder dele como pessoa. Não aumentar o poder dele como máquina. Como pessoa. Ele acrescenta, ele é uma prótese. Você não pode dizer que a prótese é a pessoa. Você pode dizer que a pessoa usa a prótese. Então, a vídeocriatura é uma prótese. Tem uma pessoa ali. Quem é mais importante? A prótese ou a pessoa? Na minha época era a prótese, agora é a pessoa. Antigamente era um vídeo que usava um corpo. Agora é um corpo que usa o vídeo. E acabou o vídeo.

Marcelo Asth – Qual a diferença em fazer uma performance nas décadas de 70/80 e fazer uma performance hoje?

Otavio Donasci – Então, hoje a performance já mudou de sentido. Hoje a performance é... 10 anos dentro da PUC ensinando isso e ainda tem reação, reação, tudo de qualquer tipo. Mas hoje sinto que a performance é uma criança de 16 anos que não precisa mais do pai. Te vira, meu filho. A pessoa que vai contra está indo contra uma coisa que é muito forte. É que nem falar: "eu sou contra os Beatles." Hoje não é ridículo falar isso? Naquela época era o que mais tinha. "Eu sou contra...". Aí o tempo ocupou... a performance veio pra ocupar.

Marcelo Asth – Em algumas entrevistas suas você assume uma dificuldade em determinar o que é performance, de enquadrar esse termo.

Otavio Donasci – Eu tenho certeza do que é performance. Eu só não sei o que é. É muito difícil entender isso!

Marcelo Asth – Você poderia definir o envelhecimento?

Otavio Donasci – O envelhecimento está ligado a processo. A performance está ligada a processo. Então, o natural da performance é envelhecer. É não ser igual o dia anterior. Antes era alguma coisa, dia seguinte é outra... só que essa outra, que você chama envelhecimento, a célula envelhece. Mas cada vez que você vai fazer performance, performance não tem idade. Performance não tem. A palavra envelhecimento é um conceito corpóreo, não artístico. A performance pode ser de qualquer idade, só depois de morto é que eu não tenho certeza se dá pra fazer performance. Acho que não! Mas dá pra usar o morto... *(risos)*

Eu acredito muito na espiritualidade. Sem dúvida, sou muito espiritual. Minha mulher é indiana, estudo lá e na Índia e ela acredita em todas essas coisas de corpos astrais, sete corpos diferentes, processos espaciais... vive fora daqui! Esperando a nave chegar e levar ela embora!

Marcelo Asth – E como a espiritualidade está em seu trabalho?

Otavio Donasci – O vídeo é um espírito! Eu incorporo o vídeo, e eu posso incorporar pessoas mortas. Eu fiz um trabalho com Zé Celso assim. Ele me pediu: "eu queria trazer de volta pessoas que eu amo, como a Cacilda, o Ziembinski... quero chamar os vivos e os mortos!". E era um trabalho que o Zé me pediu e eu disse: "eu posso incorporar eles pra você!". E o Zé todo terreiro, umbanda teatral! Falei: "me arruma uns vídeos, não tem um filme desses caras?". "Não, não tem tenho...". "Tem foto?". Aí eu peguei, a partir das fotos, eu fiz o rosto. E usei o meu corpo para incorporar a Cacilda e o Ziembinski e numa peça o Zé vinha e trazia esses personagens, eu dançava com ele. Tenho esse vídeo gravado.

Marcelo Asth – Se você fosse fazer uma videocriatura que resumisse toda a sua vida, como ela seria?

Otavio Donasci – Não seria uma videocriatura, porque já passou essa fase. Na verdade, seria um ser híbrido. A videocriatura é um ser híbrido. E vídeo, acabou. Então, a palavra vídeo aí podemos substituir por vapor, é uma vaporcriatura. Eletrocriatura. Um autômato. O material do meu tempo é o vídeo. A videocriatura é uma máscara. É uma prótese-máscara. Só que a máscara do meu tempo, os materiais de máscara eram folha, papel, barro, borracha, tudo o que é técnica de fazer máscara. A minha usa eléctron. É um material do meu tempo, que é o vídeo. A computação é outra coisa, vai indo além.



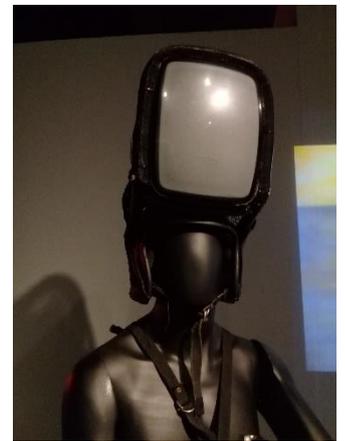
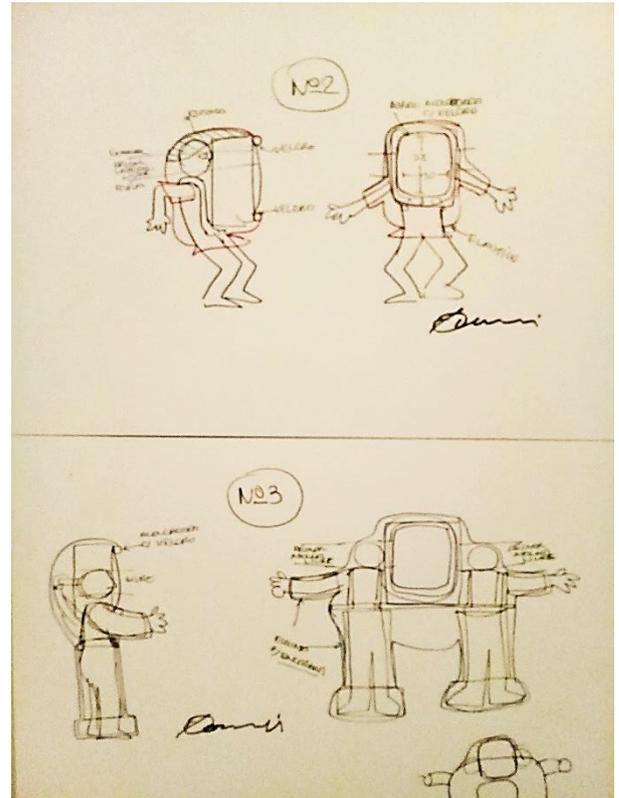
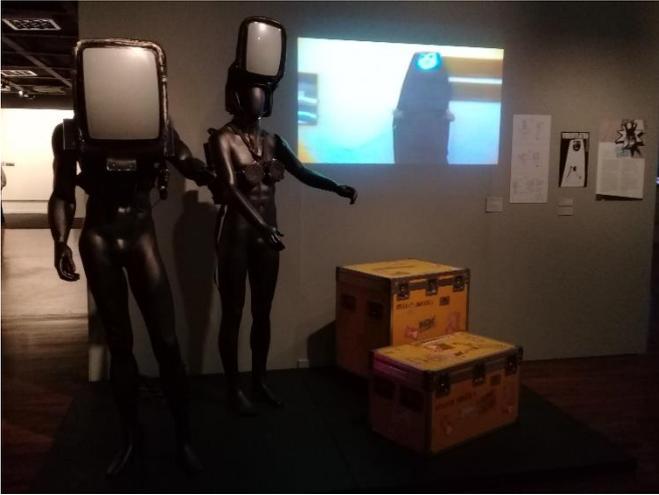
Otavio Donasci posa em uma instalação realizada com o material de seu trabalho com as videocriaturas, logo após a sua apresentação na abertura da exposição coletiva *[Retroperformance]*, 5 de agosto de 2017. Foto: Marcelo Asth

Visite o site:

www.projetoperformancia.com

Recomendamos o vídeo <https://youtu.be/kKkQPJ1E0FE> do Canal Arte Digital BR para mais informações. Clique no link em vermelho para ter acesso a imagens de videocriaturas de Otavio Donasci.

As fotografias que acompanham esta entrevista foram feitas por mim no espaço da exposição [Retroperformance] e apresentam materiais de criação, desenhos e protótipos do artista presentes na mostra.





Entrevista para o programa
[Interview to the TV show]
Panorama TV Cultura, São Paulo, 1983
Dimensões variáveis
[Variable dimensions]
Arquivo [Collector] Otávio Donaszi

[OTÁVIO DONASCI]

[São Paulo, 1952]

Artista plástico, diretor de criação e de espetáculos multimídia e professor de performance na PUC/SP, doutor em Comunicação e Semiótica pela mesma instituição. Inventor das *VideoCriaturas* e realizador, em conjunto com o diretor Ricardo Karman de gigantescos espetáculos interativos que uniam teatro, turismo e artes plásticas.

Na história da performance, um dos pontos fundamentais é a sua conexão com o vídeo, cuja portabilidade definitiva acontece a partir dos anos 80. Infinidamente mais barato e ágil que o cinema, permitia o uso de um tempo estendido e resultados quase instantâneos. Donaszi, porém, leva mais longe essa tecnologia, ao fazê-la parte de um corpo híbrido, meio humano meio máquina, tema que, nessa época, torna-se uma obsessão por conta das então recentes descobertas da cibernética e da genética.

Visual artist, creative director, director of multimedia shows and performance professor at PUC/SP, Doctor of Communication and Semiotics from the same institution. Inventor of the *VideoCreatures* and executor, together with director Ricardo Karman, of the Experimental Multimedia Expeditions (Journey to the Center of the Earth, in 1992, and The Great Journey of Merlin, 1994), huge interactive shows that united theater, tourism and visual arts.

One of the fundamental points in performance art history is its connection with video. Much cheaper than cinema, it allowed the use of an extended time and the results were almost instant. Donaszi, takes that technology further by turning it into a hybrid body, half human, half machine, a theme that, at the time, became an obsession due to recent cybernetic and genetic discoveries.



Nas fotos desta página, Otavio em ação, performando com a sua vídeocriatura. Abaixo, artistas participantes da mostra, reunidos com os curadores e produtores da exposição na Caixa Cultural – RJ.

